

**Práticas teóricas e metodológicas do trabalho de campo para a elaboração de um  
Diagnóstico Participativo: Economia Solidária, Educação Popular e História Oral na  
Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual de Ponta Grossa  
(IESOL-UEPG/PR)**

Prof. Dra. Andrea Paula dos Santos

Dep. de História, Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas e IESOL-UEPG/PR  
Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO/USP)

Esse trabalho tem por objetivo apresentar as propostas e resultados parciais do projeto “Práticas teóricas e metodológicas do trabalho de campo para a elaboração de um Diagnóstico Participativo: Economia Solidária, Educação Popular e História Oral”, desenvolvido junto ao Programa de Extensão Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESOL) vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR). Desde 2005, este projeto está em andamento graças ao apoio do Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Superior, (MEC/SESU) que firmou um Convênio para financiamento de atividades de pesquisa concentradas principalmente em torno da elaboração de histórias de vida de trabalhadores da Economia Solidária na cidade de Ponta Grossa e região de Campos Gerais (centro-sul do Estado do Paraná). Para tanto, o projeto desenvolve a formação teórica e prática de um grupo de pesquisadores (estudantes dos cursos de História, Serviço Social, Administração; técnicos e profissionais – economistas, assistentes sociais, pedagogos, geógrafos, historiadores – da Universidade e de outras instituições), garantindo o desenvolvimento do trabalho de campo relacionado à História Oral, ligando-o também às áreas de Economia Solidária e Educação Popular.

A história oral de vida desses trabalhadores, a partir da orientação da coordenação e de pesquisadores do Núcleo de Estudos de História Oral (NEHO/USP), tem uma dupla função. A primeira delas é contribuir diretamente para o desenvolvimento de uma política pública, ao possibilitar à equipe da IESOL realizar o Diagnóstico dos Grupos que são assessorados por esse Programa de Extensão, com o objetivo de que os empreendimentos associativos e cooperativos autogestionados por esses trabalhadores possam se desenvolver e garantir trabalho e renda para essas pessoas que se encontram às margens da economia formal ou em situação de desemprego. A segunda função das histórias de vida é conhecer e reconhecer a trajetória histórica desses grupos de trabalhadores ao compor um Banco de Histórias, para que pesquisadores de diversas áreas e os próprios trabalhadores possam utilizá-las em estudos ou em formulações de novas

políticas públicas que atendam as demandas dessa população em condição de exclusão frente às mudanças do mundo do trabalho.

Nesse sentido, nosso estudo em andamento concentra-se na história, nas identidades e nas subjetividades dos trabalhadores que atuam nos empreendimentos solidários na cidade de Ponta Grossa, especificamente aqueles que estão sendo assessorados pela IESOL. A IESOL busca, pelos princípios da economia solidária, contribuir para a formação, a constituição e a consolidação desses empreendimentos capacitando-os para geração de trabalho e renda.

Como é sabido, a economia solidária apresenta-se como uma área de inserção dos trabalhadores que estão fora do mercado formal, ou desempregados, em empreendimentos autogestionários, ou seja, organizados por eles mesmos de forma justa e solidária (SINGER, 2000; GAIGER, 2004). O grupo da IESOL é constituído por professores, técnicos, acadêmicos e assessores que trabalham, de início, a partir da metodologia proposta pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná (ITCP/UFPR).

A metodologia deste trabalho de pesquisa surgiu como desdobramento dos trabalhos acerca da Economia Solidária que realizamos desde 2000 (SANTOS & SANTOS, 2004) e, sobretudo, no ano de 2005, como assessores da Coordenação e pesquisadores da IESOL-UEPG. Para tanto, realizamos uma parceria com o Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO/USP) com vistas à elaboração de Diagnósticos Participativos dos grupos de trabalhadores a serem pré-incubados pela IESOL.

Adotou-se para a construção de conhecimento com os trabalhadores acerca de seu próprio cotidiano a utilização da história oral, focando nas histórias de vida dos seus integrantes num processo de contatos e entrevistas com o grupo, dando início a um acervo documental e ao estudo de suas subjetividades. Esse trabalho tem como referências teóricas e metodológicas os pressupostos forjados pelos trabalhos do NEHO/USP, em várias pesquisas realizadas com trabalhadores e outros grupos tradicionalmente marginalizados e excluídos da história (SANTOS, 1996; SANTOS; RIBEIRO & MEIHY, 1998; ATAÍDE, 2002; MEIHY, 2005).

A parceria entre a IESOL-UEPG e o NEHO-USP resultou nesse projeto que está possibilitando a concessão de bolsas a seis estagiários, estudantes das áreas de história, administração e serviço social, embora ainda conte com a participação voluntária de estudantes das áreas de pedagogia, geografia e economia. Além disso, possibilitará a aquisição de material permanente (computador, gravadores, câmera fotográfica e de vídeo) e material de consumo (fitas, disquetes, pilhas e material de escritório em geral) para apoiar e viabilizar o trabalho de construção documental que subsidia a elaboração do Diagnóstico Participativo dos grupos de trabalhadores da economia solidária dessa região.

Buscamos, neste processo de construção documental, possibilitar uma análise das histórias de vida dos sujeitos a serem assessorados destacando suas aspirações, suas memórias e identidades individuais e coletivas e o contexto histórico e social que estão inseridos (POLLAK, 1992; PORTELLI, 1993; MEIHY, 2005; BAUMAN, 2005). Também nos seus relatos, temos um enriquecimento dos estudos sobre a região dos Campos Gerais e da cidade de Ponta Grossa dados pelas diferentes visões narradas pelos trabalhadores da economia solidária sobre o cenário político, econômico, social e cultural. Ao registrarmos e analisarmos suas histórias, nos propomos a fazer nesta pesquisa, de acordo com FREIRE (1997; 2002), com que os trabalhadores reflitam sobre sua realidade num processo que também é atravessado pelas práticas de educação popular e, por meio desta intervenção, exponham como definem suas identidades e como compreendem o que é economia solidária.

Portanto, além de produzir e estudar documentos sobre os grupos de trabalhadores da economia solidária na região, propomos o enriquecimento do debate teórico acerca da economia solidária, ao comparar a trajetória desses grupos e seu posicionamento em relação aos chamados princípios solidários e autogestionários, com o que os estudiosos definem a respeito. Nesse sentido, através das histórias de vida queremos compreender como eles atribuem significados às suas práticas de economia solidária e à complexidade de suas vivências relacionadas a estes conceitos.

Acreditamos que os Diagnósticos Participativos realizados com os grupos de trabalhadores que serão pré-incubados pela IESOL precisam contar com a valorização e a reflexão sobre as possibilidades e os limites do registro documental, bem como sobre sua guarda em um acervo e sua disponibilização aos membros da IESOL; aos grupos de trabalhadores que participam do processo de pré-incubagem; e também aos pesquisadores que se interessem por estudar a história e a realidade vivida pelas pessoas envolvidas nas atividades da Economia Solidária.

Isto se justifica porque a partir dos registros documentais feitos com os grupos de trabalhadores (histórias de vida, imagens fotográficas e audiovisuais da realidade vivenciada pelos sujeitos em suas comunidades, cadernos de campo) é que se torna possível subsidiar as intervenções a serem realizadas pela IESOL para o desenvolvimento dos empreendimentos solidários, gerando trabalho e renda para aqueles que necessitam. Foi com esse objetivo que a IESOL fez a referida parceria com o NEHO-USP para garantir o estabelecimento, o tratamento e o estudo de um acervo de fontes orais e audiovisuais, constituído a partir das histórias de vida de pessoas ligadas aos grupos de trabalhadores de Economia Solidária a serem assessorados.

A partir dessas pesquisas que compõem os Diagnósticos Participativos dos grupos assessorados, entendemos a necessidade do amplo registro documental de fontes orais e audiovisuais relacionadas a eles como mais do que premente, em vista da amplitude de grupos e sujeitos a serem entrevistados. É urgente também a necessidade de registrar com imagens fotográficas e audiovisuais e, dessa forma, estudar aspectos da realidade vivida por esses grupos, de modo que as assessorias possam contar com farto material de consulta e pesquisa para planejar e atuar, de acordo com as situações vivenciadas por cada grupo, as intervenções necessárias ao desenvolvimento dos empreendimentos solidários.

Além disso, favorecendo a constituição e o estudo de um acervo de fontes orais e audiovisuais de acordo com os recursos teórico-metodológicos adequados, estaremos contribuindo para que a história da Economia Solidária seja enriquecida pelos depoimentos e pelas imagens daqueles que vivem o seu dia-a-dia, e que certamente tem muito a dizer sobre a história social, política, cultural e econômica da nossa sociedade. Portanto, nossa metodologia de pesquisa pressupõe o acompanhamento e a investigação desses grupos para o enriquecimento das possíveis concepções sobre o tema da economia solidária, tanto para cotejar com os desenvolvimentos teóricos existentes, quanto para problematizar as metodologias adotadas pelas incubadoras. Por isso, nos propomos a refletir sobre o trabalho da IESOL com base no aprofundamento teórico e metodológico do estudo das possíveis contribuições da história oral para a construção e a análise da história e da identidade dos grupos de trabalhadores da economia solidária. Também buscamos conjugar a pesquisa teórica, através da bibliografia existente, com a prática de trabalho de campo, enfatizando os pressupostos da história oral e das suas relações com os conceitos de memória e de identidade.

Para tanto, baseamos nossas pesquisas nas reflexões de POLLAK (1992), que afirmou ser a memória um fenômeno construído, social e individualmente, cujos modos de construção podem ser conscientes ou inconscientes, características que, segundo BAUMAN (2005), também podem ser atribuídas ao conceito de identidade. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. No caso deste trabalho de pesquisa, somos mediadores dessa organização, ajudando o colaborador a organizar sua própria memória, e assim também a se organizar como coletividade em torno de um projeto ligado aos princípios da economia solidária.

Há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. POLLAK (1992) afirma que trata o sentimento de identidade no seu sentido mais superficial, que é o sentido da imagem de si, para si, e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta

aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

O autor recorre à literatura da psicologia social e em parte da psicanálise para definir três elementos essenciais na construção da identidade:

1 – a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo.

2 – a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido mora e psicológico.

3 – o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados (de tal forma esses elementos são importantes que se houver uma ruptura podemos observar fenômenos patológicos).

Portanto, para o autor, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual, quanto coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

O próprio POLLAK (1992) admite que nessa sua definição de identidade social como imagem de si, para si, e para os outros, há um elemento que escapa ao indivíduo e por extensão ao outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação, em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com outros. Memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Se é possível o confronto entre a memória individual e a dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõe grupos políticos diversos. Constituem ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas.

Ao falar de memória política como memória constituída, POLLAK (1992) introduz o conceito de “trabalho de enquadramento da memória”, em parte realizado por “historiadores orgânicos”, isto é, inseridos dentro dos grupos e trabalhando em prol da construção das memórias e das identidades dos mesmos. As organizações políticas fazem esse trabalho com a finalidade de levarem os grupos a solidificarem uma determinada consciência histórico-social. Há também o trabalho da própria memória em si, ou seja, cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, coerência, unidade,

continuidade da organização. Cada vez que a memória muda e se rearranja as identidades coletivas também se transformam. O autor define identidade coletiva como todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo o sentimento de unidade, continuidade e de coerência.

É, portanto, a partir da discussão e da construção teórica e prática dos conceitos de memória e identidade, objetivamos um conhecimento mais amplo da história do mundo do trabalho na região estudada. Dispõe-se assim de um aparato teórico e prático para a construção de instrumentos de pesquisa, tais como questionários e roteiros de entrevistas que considerem as subjetividades dos sujeitos envolvidos na pesquisa, tanto os trabalhadores da economia solidária quanto os membros da equipe de pesquisadores e extensionistas da IESOL.

Sobre a noção de subjetividade, nos orientaremos pelas reflexões de FOUCAULT (2004) ao produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano, procedendo ao que considerou como uma arqueogenealogia do sujeito, que se divide em certas práticas. São elas: as práticas objetivadoras, que permitem pensá-lo através de ciências cujo objeto é o indivíduo passível de normalização; as práticas discursivas, que detêm o papel de produtoras de epistemologia pelo sujeito falante e produtivo; e as práticas subjetivadoras pelas quais o sujeito pode pensar-se como tal e nas quais o ser humano se transforma em sujeito de si e para si, como quando se constitui eticamente. Entre os domínios do saber, do poder e da ética, estabelecem-se relações do sujeito sobre as coisas, sobre a ação dos outros e sobre si. Possibilitando questionar como nos constituímos enquanto sujeitos de nossos saberes, que exercem ou sofrem relações de poder, nos conformando em sujeitos morais de nossa ação. Para tanto, é importante destacar que FOUCAULT defendeu que se analise as tecnologias e as formas de racionalidade que envolvem as organizações e as disciplinarizações correspondentes a cada área. Em seu entendimento, essas práticas intelectuais impediriam o crescimento dessas capacidades que geram a própria intensificação das relações de poder. Nessa direção, as questões centrais são como o sujeito pode dizer algo como uma verdade de si, como ele adquiriu a necessidade de dizê-la e qual o tipo de racionalidade que atravessa esse processo (FOUCAULT, 2004; GROS, 2004).

Os objetivos são alcançados, portanto, através da pesquisa teórica concomitantemente com a pesquisa de campo, por meio do cruzamento de dados que apontem para a compreensão dos múltiplos significados, experiências, subjetividades, identidades e memórias dos grupos de trabalhadores (POLLAK, 1992; PORTELLI, 1993; MEIHY, 2005; BAUMAN, 2005).

Considerando os resultados parciais de nossas pesquisas, os trabalhadores que temos acompanhado e entrevistado – pertencentes a cinco grupos diferentes (feirantes, artesãos, jardineiros, costureiras, catadores de lixo) – tem colocado suas vivências em consonância com

as considerações de GAIGER (2004). As avaliações organizadas por este autor, indicam que as experiências apresentam um enorme potencial de revigorar energias de setores populares excluídos, de emancipação e de apropriação de tecnologias produtivas e organizacionais mais adequadas aos saberes populares, embora apresentem contradições e ambiguidades, bem como profundas dificuldades de sobrevivência e consolidação. Porém, esse potencial torna-se significativo quando somado ao papel de favorecimento de construção identitária e de elevação de auto-estima dos grupos proporcionados pela transformação de suas histórias de vida em documentos históricos para um público mais amplo, reconhecendo seus papéis como sujeitos históricos.

Nessa direção, e em concordância com GADOTTI e GUTIÉREZ (1993), estas experiências estão forjando uma economia popular solidária integrada à economia de mercado, porém, contrárias à sua lógica. E, nesse sentido, a valorização desses sujeitos através do processo de construção documental em regime de colaboração, torna-se um forte elemento de inserção dessas pessoas nos processos históricos de forma humanizada, que visa respeitar as individualidades e as experiências únicas que cada uma delas pode trazer para o campo da experimentação e consolidação de novos valores. Assim, a primazia de valores como a solidariedade, a democracia, a autogestão e a autonomia sobre valores mercantis, combinada com a eficiência econômica, coloca tais experiências na condição de coexistir com o mercado capitalista, ao mesmo tempo em que o questiona na teoria e na prática (ARRUDA, 2003).

Dessa forma, o Diagnóstico Participativo acrescido das histórias de vida permitem considerar em detalhes e em referência ao cotidiano dos trabalhadores quais as possibilidades da economia solidária. Essas, sem dúvida, já confirmam que os projetos de economia solidária apresentam grande potencial de ampliação das possibilidades de geração de novas oportunidades de trabalho; propicia uma maior democratização da gestão do trabalho considerando a valorização das relações humanas; e é também um caminho viável para uma maior distribuição de renda. As redes de economia solidária podem ainda ser instrumentos com grande potencial de fortalecer o desenvolvimento local integrado sustentável e ainda um caminho para a transformação social (MANCE, 2002; LIANZA e ADDOR; 2005), onde a construção de novas memórias e identidades individuais e coletivas cumpre papel destacado como tarefas e projetos comuns a serem abraçados pelos trabalhadores e pela equipe de pesquisadores e extensionistas da IESOL.

## Referências Bibliográficas

ARRUDA, M. *Humanizar o Infra-Humano. A formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária*. Petrópolis: Vozes, 2003.

ATAÍDE, Y. D. B. *Clamor do presente: história oral de famílias em busca da cidadania*. São Paulo: Loyola, 2002.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 41ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, M. e GUTIÉRREZ, F. (orgs.) *Educação Comunitária e Economia Popular*. São Paulo, Cortez, 1993.

GAIGER, L. I. (org.) *Sentidos e experiências da Economia Solidária no Brasil*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

GROS, F. (org.) *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola, 2004.

LIANZA, S.; ADDOR, F. (org.). *Tecnologia Social e Desenvolvimento Social e Solidário*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

MANCE, E. A. *Como organizar redes solidárias*. Rio de Janeiro: DP&A, Fase, 2002.

MEIHY, J. C. S. B. (org.) *Manual de história oral*. 5ª ed., São Paulo: Loyola, 2005.

POLLAK, M. “Memória e Identidade social”, *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5. n. 10., 1992. pp. 200-215.

PORTELLI, A. “Sonhos Ucrônicos: Memórias e Possíveis Mundos dos Trabalhadores”, *Projeto História*, São Paulo, (10), dez. 1993.

SANTOS, A. P. dos. *Ponto de Vida. Cidadania de Mulheres Faveladas*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_; RIBEIRO, S. L. S. & MEIHY, J. C. S. B. *Vozes da Marcha pela Terra*. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_ & SANTOS, N. R. dos. “A Educação Básica e Profissional na Economia Solidária Catarinense”. In *Trabalho e trabalhadores no Vale do Itajaí: uma leitura crítica*. (Rita de Cássia Marchi, org.) vol. 1, Blumenau, SC: Ed. Cultura em Movimento, 2004, pp. 117-146.

SINGER, P. *A Economia Solidária no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.